

# Plantas medicinais brasileiras que poderiam ser empregadas como sucedâneas de espécies importadas

Medicinal plants that could be employed as substitutes of imported species

Luzia Ilza Ferreira Jorge<sup>1</sup>; Augusta Mendes da Silva<sup>2</sup>; Maria Regina Walter Koschtschak<sup>3</sup> & Ulysses Pereira<sup>4</sup>

**RESUMO** – Os autores fizeram um levantamento de plantas medicinais importadas relacionando-as com espécies nativas similares. Informações taxonômicas e comentários críticos são também apresentados.

**PALAVRAS-CHAVE** – Plantas medicinais; espécies importadas; plantas medicinais importadas; vitiligo; *Sonchus oleraceus* L.

**SUMMARY** – The authors made a surveying of imported medicinal plants between similar native ones. Taxonomic information and criticism commentaries are also presented.

**KEYWORDS** – Medicinal plants; imported species; imported medicinal plants; vitiligo; *Sonchus oleraceus* L.

## INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma das maiores e mais variadas flo-  
ras do mundo, não obstante pouco se tenha investido  
visando o seu conhecimento até os dias de hoje<sup>2,3</sup>.

Em termos de aproveitamento racional de plantas medi-  
cinalis, os avanços praticamente se restringem a estudos  
que não requerem maiores inversões orçamentárias, tais  
como: levantamentos taxonômicos e estudos morfológi-  
cos e anatômicos. Há que se incrementar avanços nos de-  
mais segmentos da fitoterapia, principalmente, em relação  
às plantas já selecionadas pelo empirismo popular, tais como:  
estudos farmacológicos e toxicológicos, composição quí-  
mica e padronização de extratos. O setor produtivo tam-  
bém carece de crescimento com qualidade: produções em  
escala industrial de princípios ativos e de precursores des-  
tes já obtidos em laboratório; cultivo de sementes selecio-  
nadas de plantas silvestres, de plantas importadas aclima-  
tadas e de plantas sucedâneas de espécies exóticas impor-  
tadas para atender à demanda interna e, posteriormente,  
para exportação; etc.

Temos todos os climas típicos do mundo e, afortuna-  
damente, não possuímos o tipo desértico. Por isso muitas  
das plantas importadas vêm sendo cultivadas há longo tempo  
em território nacional, todavia, ainda sem volume de pro-  
dução suficiente para atender à demanda interna<sup>2</sup>. É cres-  
cente também o interesse pelas plantas medicinais nativas,  
visando à substituição (total e/ou parcial) das espécies im-  
portadas, sempre mais caras. Mesmo quando cultivadas  
nas mesmas condições climáticas, sempre há pormenores  
a serem observados. Por exemplo, a polinização da bauni-

lha requer como agente polinizador um inseto da ordem  
*Himenoptera*, do gênero *Melipona*, inexistente no Brasil.  
Torna-se necessário então introduzir a polinização artifi-  
cial, um custo adicional portanto.

Nos estados de São Paulo e de Minas Gerais medra  
uma árvore cujo nome popular se relaciona ao formato dos  
seus frutos, “maminha-de-cadela” ou “mamica-de-cade-  
la”, cientificamente, *Brosimum gaudichaudii*, morácea cu-  
jas raízes apresentam odor aromático, agradável e intenso  
que lembra o odor da baunilha<sup>1,3</sup>.

Convém ressaltar que, mesmo com o advento de legis-  
lação rigorosa a partir do ano 2000, persiste o problema da  
falta de cultivo racional e sistemático de plantas medicinais  
no Brasil, e, conseqüentemente, a insegurança e descrédito  
no seu emprego, principalmente, nas formas manipuladas.  
As farmácias homeopáticas continuam trabalhando com  
extratos de plantas importadas devido à reconhecida quali-  
dade e tradição do seu uso<sup>2,3,6</sup>.

Esse problema atinge proporções de “vergonha nacio-  
nal” relativamente a certas espécies. O caso mais expressivo,  
a nosso ver, é o da ipecacuanha, produtora exclusiva  
da preciosa e utilíssima substância medicinal, a emetina. O  
Brasil, seu maior produtor mundial no passado, já deixou  
de sê-lo, por falta de medidas enérgicas no sentido de coi-  
bir os abusos do comércio especulativo, praticado às ve-  
zes mais por ignorância, por desconhecimento, do que por  
avareza. O fato é que não houve reposição dos exemplares  
extraídos (a parte útil do vegetal são as raízes) e a espécie  
extinguiu-se no estado do Mato Grosso.

A propaganda da indústria farmacêutica multinacio-  
nal, deliberadamente ou não, contribui para a desvaloriza-

Recebido em 06/12/2007

<sup>1</sup>Farmacêutica-bioquímica, mestre em Fármaco e Medicamentos, PqC IV do Instituto Adolfo Lutz Laboratório I de Santos

<sup>2</sup>Bióloga, PqC II do Instituto Adolfo Lutz Central

<sup>3</sup>Farmacêutica-bioquímica, Pq C I do Instituto Adolfo Lutz Central

<sup>4</sup>Biólogo, PqC II do Instituto Adolfo Lutz Central

**TABELA I**  
**Espécies medicinais importadas e nativas**

| Substâncias ativas  | Indicação terapêutica   | Espécies importadas   | Espécies brasileiras ou aclimatadas   |
|---|---|---|---|
| Gomas   | Usos industriais  | Goma arábica  | Goma de caju  |
| Rutina  | Vasoconstritor periférico   | Castanha-da-índia   | Barbatimão da folha miúda   |
| Cumarinas, flavonóides, taninos, mucilagens, óleos essenciais, etc. | Cicatrizantes, antiinflamatórios  | Arnica, bardana, calêndula, camomila, centela asiática, fumaria, malva                                | Agrião, alecrim, alho, arnica-do-Brasil, babosa, carqueja, confrei, erva-baleeira, guaco, major-gomes, paineira, salsaparrilha, tanchagem |
| Alcalóides tropânicos   | Antiespasmódicos, anti-secretórios e midriáticos                          | Meimendro   | Trombeteira e saia-branca   |
| Cinarina, alcalóides esteroidais, etc.                              | Eupépticos, coleréticos, colagogos  | Angélica, cúrcuma, condurango, fumaria, genciana, menta, mil folhas                                   | Alcachofra, aruca, boldo, erva-tostão, jurubeba, losna, pariparoba  |
| Cumarinas, óleos essenciais, saponinas, taninos, etc.               | Afecções do sistema respiratório (broncodilatadores, expectorantes, etc.) | Alcaçuz, grindélia, lobélia, polígala, tília, verbasco, eucalipto, hortelã, poejo                     | Agrião, alfavaca, alho, bromélia, café, gervão, gravatá, guaco, ipecacuanha, limão bravo), mastruz, quitoco                               |
| Princípios ativos sedativos ou relaxantes musculares                | Tranqüilizantes   | Camomila, valeriana, erva-cidreira  | <i>Aloysia</i> , erva-cidreira de capim, <i>Lippia</i> maracujá, mulungu, perobinha-do-campo  |
| Óleos essenciais, vasoconstritores, etc.                            | Diuréticos  | Agrimônia, bardana, bétula, cavalinha, dulcamara, ulmária, uva-ursi, verbasco, verbena, visco, zimbro | Abacateiro, chapéu-de-couro, estigma-de-milho, gervão, parietária, picão, pitanga, quebra-pedra   |
| Princípios ativos psicomotores em geral)                            | Estimulante (SNC e metabolismo)   | Ginseng   | Guaraná   |
| Mucilagem, glicosídeos antraquinônicos                              | Catárticos  | Algas dos gêneros <i>Fucus</i> e <i>Gelidium</i> ; cáscara sagrada; sene; ruibarbo                    | Algas dos gêneros <i>Pterocladia</i> e <i>Hypnea</i> ; diversas espécies de <i>Aloe</i>   |
| Taninos, tetraidrocanabinol, etc.                                   | Antidiarréicos  | Avena, barbatimão, casca de carvalho  | Andiroba, angico, goiabeira, jabuticabeira, maconha   |
| Glicosídeos cardioativos  | Insuficiência cardíaca  | Digital ou deladeira  | Espirradeira, oficial-de-sala e chapéu-de-napoleão  |

ção dos fitoterápicos. Exemplo disso é o fato de RUTO-WITSCH & COELHO BRAGA terem publicado pesquisa bem sucedida com a serralha (*Sonchus oleraceus* L.) no tratamento do vitiligo em 1966, na revista Anais Brasileiros de Dermatologia e, no entanto, passados 41 anos dessa divulgação, nenhum dermatologista a conhece, não a mencionam, não a empregam, e não deram continuidade ao estudo<sup>5</sup>. Ignoraram-no. Coincidência ou não, naquela mesma época era lançado no mercado nacional o Viticromin<sup>®</sup> (medicamento para atenuar as manchas acromáticas do vitiligo).

Similarmente, quantas outras espécies nativas (medici-

nais e/ou alimentares) estariam também relegadas ao ostracismo por força da propaganda primeiro-mundista? A nossa taioaba é tanto ou mais saborosa que a couve, além de conter 5 vezes mais cálcio e apresentar teores significativos de ferro e de magnésio. O nosso pó de guaraná, por exemplo, foi esquecido quando do lançamento de extratos de ginseng industrializados por multinacionais.

A **Tabela I** relaciona algumas plantas medicinais estrangeiras e as espécies nativas sucedâneas, isto é, que apresentam as mesmas indicações terapêuticas e/ou princípios ativos. A **Tabela II** apresenta os nomes científicos das espécies citadas na Tabela I<sup>7,4</sup>.

**TABELA II**  
**Nomenclatura científica das espécies medicinais importadas e nativas**

| Nome popular              | Nome científico                    | Nome popular                 | Nome científico                   |
|---------------------------|------------------------------------|------------------------------|-----------------------------------|
| Agrimônia                 | <i>Agrimonia eupatoria</i>         | Fumaria                      | <i>Fumaria officinalis</i>        |
| Alcachofra                | <i>Cynara scolymus</i>             | Genciana                     | <i>Gentiana lutea</i>             |
| Alcaçuz                   | <i>Glycyrrhiza glabra</i>          | Gervão                       | <i>Stachytapheta angustifolia</i> |
| Alecrim                   | <i>Rosmarinus officinalis</i>      | Ginseng                      | <i>Panax ginseng</i>              |
| Alfavaca                  | <i>Ocimum micranthum</i>           | Gravatá                      | Vide Bromélia                     |
| Aloisia                   | <i>Aloysia triphylla</i>           | Grindélia                    | <i>Grindelia robusta</i>          |
|                           | Ipecacuanha                        | <i>Cephaelis ipecacuanha</i> |                                   |
| Angélica                  | <i>Angelica archangelica</i>       | Lípia                        | <i>Lippia alba</i>                |
| Arnica                    | <i>Arnica montana</i>              | Lobélia                      | <i>Lobelia inflata</i>            |
| Arnica-do-Brasil          | <i>Solidago microglossa</i>        | Losna                        | <i>Artemisia absinthium</i>       |
| Aruca                     | <i>Calea pinnatifida</i>           | Mastruz                      | <i>Chenopodium ambrosioides</i>   |
| Barbatimão                | <i>Stryphnodendron adstringens</i> | Meimendro                    | <i>Hyoscyamus niger</i>           |
| Barbatimão da folha miúda | <i>Dimorphandra mollis</i>         | Major-gomes                  | <i>Talinum patens</i>             |

Continua

Continuação

| Nome popular           | Nome científico                       | Nome popular              | Nome científico                       |
|------------------------|---------------------------------------|---------------------------|---------------------------------------|
| Bardana                | <i>Arctium lappa</i>                  | Mil-folhas                | <i>Achillea millefolium</i>           |
| Bétula                 | <i>Betula alba</i>                    | Mulungu                   | <i>Erythrina mulungu</i>              |
| Boldo                  | <i>Peumus boldus</i>                  | Oficial-de-sala           | <i>Asclepias curassavica</i>          |
| Bromélia ou gravatá    | <i>Bromelia anthiakantha</i>          | Paineira                  | <i>Chorisia speciosa</i>              |
| Calêndula              | <i>Calendula officinalis</i>          | Perobinha-do-campo        | <i>Acosmium subelegans</i>            |
| Camomila               | <i>Matricaria chamomilla</i>          | Parietária                | <i>Parietaria officinalis</i>         |
| Carqueja               | <i>Baccharis trimera</i>              | Pariparoba                | <i>Potomorphe umbellatum</i>          |
| Cáscara sagrada        | <i>Rhamnus purshiana</i>              | Picão                     | <i>Plumbago littoralis</i>            |
| Cavalinha              | <i>Equisetum arvense</i>              | Polígala                  | <i>Polygala senega</i>                |
| Centela asiática       | <i>Centella asiatica</i>              | Quebra-pedra              | <i>Phyllanthus spp</i>                |
| Chapéu-de-couro        | <i>Echinodorus macrophyllus</i>       | Quitoco                   | <i>Pluchea quitoco</i>                |
| Chapéu-de-napoleão     | <i>Thevetia peruviana</i>             | Ruibarbo                  | <i>Rheum palmatum</i>                 |
| Condurango             | <i>Marsdenia condurango</i>           | Saia-branca               | <i>Datura suaveolens</i>              |
| Confrei                | <i>Symphytum officinale</i>           | Tília                     | <i>Tilia cordata</i>                  |
| Dedaleira ou digital   | <i>Digitalis lanata e D. purpurea</i> | Trombeteira e saia-branca | <i>Datura arborea e D. suaveolens</i> |
| Dulcamara              | <i>Solanum dulcamara</i>              | Uva-ursi                  | <i>Arctostaphylos uva-ursi</i>        |
| Erva-baleeira          | <i>Cordia verbenaceae</i>             | Ulmária                   | <i>Spiraea ulmaria</i>                |
| Erva-cidreira          | <i>Melissa officinalis</i>            | Verbasco                  | <i>Verbasco thapsiforme</i>           |
| Erva-cidreira de capim | <i>Cymbopogum citratus</i>            | Verbena                   | <i>Verbena officinalis</i>            |
| Erva-tostão            | <i>Boerhaavia hirsuta</i>             | Visco                     | <i>Viscum album</i>                   |
| Espirradeira           | <i>Nerium oleander</i>                | Zimbro                    | <i>Juniperus communis</i>             |

A globalização é um fenômeno crescente e inevitável. Não desfazendo de seus inúmeros benefícios, deve-se observar que a “aldeia global” em que vivemos também apresenta algumas conseqüências negativas: a desvalorização das culturas dos países pobres é uma delas. Somente através de um esforço alinhado e conjunto por parte dos diversos segmentos da sociedade brasileira é que lograremos êxito na preservação e aproveitamento dos nossos vegetais nativos, tanto os medicinais como os alimentares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. OLIVEIRA, F & BACCHI, E.M. Considerações a respeito de algumas plantas medicinais brasileiras. *An. Farm. Quím.* S. Paulo, 20(1/2), jan./dez., 1980.
2. PANNIZA, S.; SCAVONE, O.; ROCHA, A.B & CHRISTODOULOU, M. Emprego

medicinal de plantas importadas e sucedâneas que ocorrem no Brasil. *Rev. Ciênc. Farm.* São Paulo, 4:227-38, 1982.

3. RENNÓ, L.R. A Flora Brasileira como fonte de medicamentos. *Rev. Bras. Farm.*, março/abril, 1971: 70-6.
4. RIBEIRO, E. *Plantas Medicinais e complementos bioterápicos*. Edição 21060001/0015: Livros da Vida Editores LDA, Portugal, 1995.
5. RUTOWITSCH, M & COELHO BRAGA, M.P. Dois casos de vitiligo com repigmentação no curso do tratamento pela serralha (*Sonchus sp.*). *Anais Bras. de Dermatologia*, 41(3):45-7, 1966.
6. TESKE, M & TRENTINI, A.M.M. *Herbarium Compêndio de Fitoterapia*. 3ª ed., Curitiba, 1997.
7. ZANINI, A.C.; BASILE, A.C.; FOLLADOR, W & OGA, S. *Guia de Medicamentos*. 2ª ed., Iplex Editora, São Paulo, 1998.

Endereço eletrônico  
Luzia Ilza Ferreira Jorge  
E-mail: luziajo@gmail.com